

& FORMAÇÃO CIÊNCIA

CADERNO DA REVISTA DA ORDEM DOS MÉDICOS DENTISTAS

Sumário

27 - Caso clínico

Interdisciplinary Case Management of a Stage 3 Denosumab-Related Osteonecrosis of the Jaw

João Malta Barbosa, DDS, MSc, Kenneth E. Fleisher, DDS, A. Brian Urtula, DDS, Gonçalo Bártoło Caramês, DDS, MSc, João Caramês, DDS, PhD, Igor Chikunov, DDS

32 - Caso clínico

Reabsorção cervical invasiva como fator etiológico da ausência de movimento ortodôntico a propósito de um caso clínico

António Ferraz, Valter Fernandes, Sónia Ferreira, Aline Gonçalves, Arnaldo Sousa, Mário Barbosa, Rui Pinto, Paulo Miller

39 - Calendário de eventos científicos em Portugal

Composição do Conselho Científico

Ricardo Faria e Almeida (Presidente)

Cassiano Scapini

Cristina Trigo Cabral

Francisco Fernandes do Vale

João Desport

João Paulo Tondela

J. João Mendes

Luís Pedro Ferreira

Paulo Durão Maurício

Paulo Miller

Pedro Ferreira Trancoso

Pedro Pires

Pedro Sousa Gomes

Sandra Gavinha

Sofia Arantes e Oliveira

Susana Noronha

Editorial

FORMAÇÃO & (CONS)CIÊNCIA

Licenciei-me em 1988, há quase 30 anos, e como fiquei ligada à vida académica assisti a transições no ensino e no exercício da profissão. Aumentou o *numerus clausus*, surgiram novas faculdades, o que contribuiu para que o rácio população por médico dentista se aproximasse das indicações da Organização Mundial da Saúde. Mais tarde, com a Declaração de Bolonha, o curso reduziu-se para cinco anos.

Sendo a maioria dos médicos dentistas generalista, quase todos têm mais ou menos gosto por áreas diferenciadas, o que, seguindo diretrizes europeias, fez com que se criassem as especialidades. Tem sido uma evolução gradual, mas a tendência para a especialização proporciona cada vez mais uma vasta oferta de formação pós-graduada. Aqui, os médicos dentistas ganham competências específicas nas diferentes áreas de intervenção da medicina dentária.

Mas, qual a última instância desse percurso formativo? O que nos norteia na busca deste conhecimento e destas competências? Para mim a resposta é simples e deveria englobar fundamentalmente dois aspetos: “Primum non nocere” e a qualidade de vida. E que rumo proponho para atingirmos estes objetivos? A boa formação teórica e técnica é indispensável e o acompanhamento das novas tecnologias que promovem um *workflow* digital em diversas áreas é inevitável. É um rumo claro, próprio de uma “navegação à vista”.

A outra vertente, não tão linear, é a abordagem holística do doente considerando um modelo biopsicossocial. Como podemos aprender a aumentar a qualidade de vida do doente sem nos fixarmos apenas nos seus tratamentos? Quem nos pode ensinar a ser empáticos com os doentes, a compreender que para além de carne, osso e dentes, têm um bastidor psicológico, ou uma herança socioeconómica, cultural e educacional?

Como podemos aprender que os planos de tratamento que estabelecemos no dia-a-dia devem ter em consideração todas estas peças do puzzle e que não devemos ultrapassar fronteiras na execução de tratamentos que não melhoram em nada a qualidade de vida?

Como podemos obter instrumentos para uma navegação mais preventiva e segura do médico dentista que comanda o barco e dos doentes que transporta? Temos que procurar os meios que nos façam entrar num porto com a maior segurança possível.

Consciência e maturidade não se estudam em livros, mas uma formação orientada para os princípios acima referidos melhorará muito a qualidade de vida do doente, e tranquilizará a nossa consciência.

Ana Mano Azul
Presidente da Comissão Organizadora do
XXVI Congresso da OMD